

MEMES NO ENSINO DE LITERATURA: DIÁLOGOS COM A MULTIMODALIDADE

MEMES AT LITERATURE TEACHING: DIALOGUES WITH MULTIMODALITY

MEMES EN LA ENSEÑANZA DE LITERATURA: DIÁLOGOS COM LA MULTIMODALIDAD

Allana Mátar de Figueiredo

Mestre em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais

<https://orcid.org/0000-0002-3997-3526>

email: allana.matar@gmail.com

Francis Arthuso Paiva

Doutor em Linguística Aplicada, Universidade Federal de Minas Gerais

<https://orcid.org/0000-0002-9083-3342>

email: francis@teiacoltec.org

Záira Bomfante Santos

Doutora em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo

<https://orcid.org/0000-0002-6162-8489>

email: zbomfante@gmail.com

RESUMO

Este artigo reflete sobre uma experiência pedagógica de produção de textos com estudantes da disciplina de Português e Literatura de uma escola pública brasileira. Sob a perspectiva da Semiótica Social Multimodal, a agência dos alunos na produção de designs de significados multimodais em remixes de memes foi o objeto de reflexão. A metodologia consistiu na análise de oito memes produzidos pelos estudantes a partir dos conceitos desenvolvidos na fundamentação teórica do artigo: cultura do remix, design, redesign, remixabilidade e transformação. Os resultados das análises dos memes sinalizam um redesign dos alunos sobre suas leituras do Modernismo de 1ª fase, indicando a compreensão das práticas e discursos em que os textos estão inseridos e a produção de signos de aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino de Literatura; Letramentos; Multimodalidade; Memes; Remix.

ABSTRACT

This article reflects on the writing in a pedagogical experience with Language and Literature students at a Brazilian public school. From the perspective of the Multimodal Social Semiotics, the students' agency in the design production of multimodal meanings in meme remixes is the object of reflection. The methodology consisted of the analysis of eight memes made by the students based on the concepts incorporated in the theoretical perspective of the article: remix, design, redesign, remixability and transformation. The results of the analysis of the memes indicate a redesign of the students regarding their readings of the 1st phase of Modernism in Brazil, showing the understanding of the practices and discourses in which the texts are inserted and the production of signs of learning.

Keywords: Literature Teaching; Literacy; Multimodality; Memes; Remix.

RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre una experiencia pedagógica de producción de textos con estudiantes de Portugués y Literatura de una escuela pública brasileña. Desde la perspectiva de la Semiótica Social

Multimodal, la agencia de los estudiantes en el design de producción de significados multimodales en remix de memes fue objeto de reflexión. La metodología consistió en analizar ocho memes producidos por los estudiantes a partir de los conceptos desarrollados en la fundamentación teórica del artículo: cultura del remix, design, redesign, remixabilidad y transformación. Los resultados del análisis de los memes indican un redesign de los estudiantes con respecto a sus lecturas del Modernismo de 1ª fase, indicando la comprensión de las prácticas y discursos en los que se insertan los textos y la producción de signos de aprendizaje.

Palabras-clave: Enseñanza de Literatura; Literacidad; Multimodalidad; Memes; Remix.

ADOLESCÊNCIA, CULTURA DIGITAL E ENSINO: PRIMEIRAS PALAVRAS (OU SERIAM FLASHES?)

Quem dá aula para pré-adolescentes e adolescentes há certo tempo e continua na ativa certamente engrossa o seguinte coro: está se tornando bem mais difícil para o professor acompanhar o ritmo das transformações aceleradas do mundo digital e, conseqüentemente, das referências do universo digital que são consumidas e produzidas por nossos estudantes diariamente. Elas se modificam em um ritmo brutal. Quem trabalha com esse alunado, em diversas realidades brasileiras, constantemente se vê na posição de *cringe*, de ultrapassado, ao tentar utilizar em sala, por exemplo, uma gíria ou uma piadinha que acreditamos ser superatual para os estudantes e, em seguida, descobre que aquilo já era, que perdeu o *timing* juvenil. Isso quando não planejamos uma aula linda, criativa, com recursos tecnológicos, e ela provoca nos alunos não brilho nos olhos, risadas espontâneas e braços levantados, mas bocejos sequenciados, cabeças deitadas nas carteiras e um constante ar de tédio (ou mãozinhas mexendo no celular debaixo das carteiras, escondidas do professor).

Mas nós, docentes, não desistimos e seguimos tentando buscar as referências culturais dos estudantes, senão não há diálogo possível. Por mais que o senso comum insista em dizer que damos aulas “como no século XIX para alunos do século XXI”, arriscamos dizer que, em boa medida, essa afirmação não procede. A maioria dos professores não está e nunca esteve parada em práticas antiquadas; basta trabalhar com educação ou pesquisar esse campo para concordar. Por mais que tenha limitações estruturais, financeiras, institucionais ou de formação, o professor, via de regra, é um sujeito inquieto, em constante aprimoramento e antenado com o que acontece no mundo ao seu redor, tentando transformar carências em possibilidades, em experimentações, em tentativas.

Neste artigo, apresentaremos um breve trabalho desenvolvido na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura com estudantes de cinco turmas de terceiro ano (na faixa etária dos 17/18 anos) de uma escola pública federal. No ano de 2021, ainda em ensino remoto emergencial devido à pandemia de coronavírus (com aulas on-line), e no ano de 2022, já de volta ao regime presencial, as turmas veteranas da escola desenvolveram, com a professora, uma atividade de produção de memes literários que será descrita a seguir.

A proposta aqui é pensar em que medida o ensino das correntes literárias/artísticas, tão tradicional nessa etapa da educação básica, pode ser feito com o auxílio dos memes, de forma mais alinhada à cultura juvenil, às tecnologias digitais que tanto lhes são caras e ao que espera a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para o Ensino Médio, ao destacar o protagonismo e a autoria do estudante:

No Ensino Médio, o foco da área de **Linguagens e suas Tecnologias** está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas das diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais; e no uso criativo das diversas mídias. (BRASIL, 2018, p. 471, grifo no original.)

Nessa mesma esteira, pretendemos mostrar como o trabalho sistemático com a multimodalidade, inerente à atividade, é essencial aos estudantes contemporâneos, não só porque é atraente aos adolescentes, mas porque pode lhes possibilitar um letramento digital mais substancial e reflexivo, também esperado pela BNCC.

O artigo está assim organizado: na próxima seção, apresentamos o trabalho de produção de memes desenvolvido pela professora com seus alunos formandos do Ensino Médio-Técnico Integrado. Em seguida, discutimos algumas características da criação, circulação e leitura do meme na perspectiva da cultura do remix, a fim de propor o critério de remixabilidade para análise dos memes dos estudantes. Logo após, desenvolvemos os critérios de análise, a partir da fundamentação teórica com base na abordagem sociosemiótica multimodal, quais sejam, design, redesign e transformação. A seção seguinte apresenta e analisa oito memes dos estudantes, seguida de seção que fundamenta e defende uma prática pedagógica que considere as novas produções digitais

da internet, bem como sua circulação e procedimentos de criação, como passíveis de avaliação e valorização da escola. Por fim, tecemos nossas considerações finais.

Linguagem mimética, geração z e modernismo: criações e recriações

A popularização do meme, nas suas mais diversas possibilidades composicionais, é inquestionável. Basta observarmos que, com a expansão da internet banda larga e, posteriormente, dos *smartphones*, não é possível imaginar um único leitor que já não tenha dado um sorrisinho prazeroso, diante de um meme viralizado, em algum momento do seu dia. Com os adolescentes, então, nem se fala: o sucesso é garantido. Nossos estudantes não só consomem todo tipo de meme, como os produzem com absoluta naturalidade e criatividade. Boa parte desses jovens utiliza o Twitter, rede social em que a maioria desses memes “nasce” e circula de início; só posteriormente, esses memes alcançam públicos de outras faixas etárias no Instagram, no WhatsApp e no Facebook. O recorte etário é tão notório que, muitas vezes, adolescentes e jovens acabam formando uma “bolha” que, com extrema naturalidade, debocha e ri de referências que ainda são completamente desconhecidas do restante da população.

A partir desse cenário, o trabalho mencionado anteriormente, feito com os estudantes do terceiro ano na disciplina de Literatura Brasileira, foi desenvolvido de forma paralela à abordagem dos tópicos de Pré-Modernismo, Semana de Arte Moderna e Modernismo de 1ª fase. A ideia era tornar esse conteúdo menos maçante, menos historicizante e mais próximo da realidade semiótica dos alunos, mobilizando suas habilidades autorais e intertextuais. Abaixo, apresentamos as instruções da atividade tal como foram disponibilizadas pela professora na plataforma digital da escola (mas também explicadas às cinco turmas nas aulas):

Pessoal, a tarefa é simples:

Como eu não poderia desperdiçar o enorme potencial humorístico/irônico/ácido da Geração Z tuiteira, rsrs, vocês irão produzir para a turma um meme sobre alguma obra, ou algum(a) autor(a)/artista, ou algum episódio do Pré-Modernismo, da Semana da Arte Moderna ou da 1ª fase do Modernismo. Cada aluno entregará somente um meme.

Se vocês entenderem que o meme não é “autoexplicativo”, fácil de entender (ou seja, que a pobre da professora pode não entender sem as referências juvenis de vocês, hehe), deixem um bilhetezinho esclarecendo-o para mim no momento de postar a atividade no Class, no campo "Comentário". Um parágrafo de poucas linhas, bem organizado, explicando o que constrói o sentido, já me ajuda bem.

Lembrando que a linguagem do meme produzido pode ser coloquial/informal, como o gênero permite (e até pede), ok?

O meme tradicional pode ser feito em qualquer *app/site* específico para isso (deixo sugestões aí embaixo linkadas), ou mesmo em outros programas de edição de imagens. Você pode usar imagens relacionadas à Literatura e às Artes ou mesmo imagens genéricas (de memes famosos ou não). Também pode usar ideias/sacadas de humor recorrentes nesses virais.

O importante é o diálogo intertextual com o que estamos estudando, do Pré-Modernismo e do Modernismo de 1ª fase. Não quero nenhum *plágio integral* de internet, porque também sou tuiteira e descobriria (quase) tudo, hahaha. O meme pode ser estático, ou *gif*, ou vídeo. À vontade! Bom trabalho! (Elaborado pela professora Allana Mátar de Figueiredo)

Utilizando uma linguagem mais descontraída, para buscar proximidade a esses estudantes, a professora propõe uma atividade que não “desperdice” o potencial criativo desses alunos e toda a cultura mimética e digital que tanto dominam. Junto aos tópicos trabalhados em aula sobre os estilos de época, os conhecimentos de variação linguística são requisitados (a linguagem coloquial ou semiformal é a mais adequada para construir o tom humorístico esperado) e o conceito de *plágio* tenta ser mais ou menos estabelecido - claro, com a dificuldade que isso envolve ao tratarmos de memes (é possível, segundo a professora, que o aluno se baseie em imagens e conceitos já utilizados em outros memes, mas não pode haver a reprodução integral de peças miméticas já existentes).

Para direcionamento do trabalho, as diversas possibilidades do gênero também são elencadas. De forma bem simplificada, com objetivos didáticos, a professora propõe: o estudante pode produzir um meme “estático” (só foto/desenho, ou foto/desenho + texto verbal, ambas as hipóteses sem animação), um *gif* (animação curta, que repete um *frame* em *looping*, verbal e/ou não verbal) ou um vídeo (não estático, com som ou não, e até mesmo texto verbal escrito). A escolha é dele, e os recursos devem ser os mais adequados ao alcance de seu propósito discursivo. O texto da BNCC, voltado a professores, sinaliza, de forma mais técnica e específica, a importância do trabalho com os diversos recursos semióticos:

Considerando que uma semiótica é um sistema de signos em sua organização própria, é importante que os jovens, ao explorarem as possibilidades expressivas das diversas linguagens, possam realizar reflexões que envolvam o exercício de **análise dos elementos discursivos, composicionais e formais de enunciados nas diferentes semioteses** - visuais (imagens estáticas e em movimento), sonoras (músicas, ruídos, sonoridades), verbais (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita) e corporais (gestuais, cênicas, dança). Afinal, muito por efeito das novas

tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC), os textos e discursos atuais organizam-se de maneira híbrida e multissemiótica, incorporando diferentes sistemas de signos em sua constituição. (BRASIL, 2018, p. 486, grifo no original.)

É importante lembrar que, previamente, a professora mostrou, em aula, alguns memes literários que circulavam na internet, para que os alunos pudessem se inspirar e tirar dúvidas quanto ao que deveriam executar, debatendo possibilidades. Também divulgou aos alunos, antes da entrega do trabalho, a grade de avaliação que usaria, a fim de que eles pudessem adquirir segurança para produzir e tivessem um *checklist* para revisar:

Grade de critérios avaliativos do trabalho de memes literários (valor: 5 pontos)

1. Utilização (explícita ou implícita) de referência literária/artística pertencente aos períodos estudados (Pré-Modernismo, Semana de Arte Moderna ou 1ª fase do Modernismo), a partir de base inédita ou recriada a partir de memes virais: 1,5 ponto;
2. Traço de humor (associado, por exemplo, à ironia, ao sarcasmo ou ao deboche) perceptível como efeito discursivo do meme: 1,5 ponto;
3. Escolha pertinente e uso dos elementos composicionais/formais do meme (verbais, visuais, sonoros) para atingir os objetivos pretendidos: 2 pontos.

OBS.: Memes copiados integralmente da internet serão zerados.

(Elaborado pela professora Allana Mátar de Figueiredo)

Nesse contexto, trabalhar a língua viva, inserida nas práticas sociais dos alunos, requer que eles compreendam e produzam gêneros de textos que circulam em diversas esferas, buscando compreender quais escolhas eles precisam mobilizar para atender suas necessidades comunicativas, para representar uma ideia e expressá-la, visto que consumir e saber produzir gêneros de textos que circulam socialmente significa não apenas ter acesso a práticas comunicativas, mas também assumir uma forma de poder.

O meme e a cultura do remix

Os memes são uma produção textual da cultura do remix que se popularizou no Brasil desde a década passada. Eles fazem parte da cultura digital da internet, sobretudo os memes de cunho político, não apenas em tempos de eleições. Os memes são uma forma de remix porque são constituídos por elementos de diferentes produções, reorganizados em um novo layout. Os elementos podem ser verbais e visuais ou apenas visuais. Além disso, ao se apropriar de elementos alheios, o produtor do meme explicita essa

apropriação. A cópia (xerox) e a cola (grosseira) são a prática da cultura do remix. Não há receio em mostrar que houve apropriação de elementos, pelo contrário, faz parte dessa cultura explicitar esteticamente a apropriação, porque nos refazimentos, remisturas, reorganizações, enfim, na remixagem dos elementos apropriados em um novo layout, o produtor do meme não apaga as “rebarbas” das suas colagens, em vez disso, enfatiza-as. Lima-Neto (2020, p. 2254) chama toda essa produção do meme de “remixabilidade”.

Existem pelo menos quatro motivos para que o copiar e colar da cultura do remix seja dessa forma. Um dos motivos é de autoria, para diferenciar apropriação de plágio, pois esse último aconteceria a partir do momento em que o autor optasse por esconder as marcas de sua cópia e cola. Outro motivo é o propiciamento da web 2.0, cujos recursos digitais permitem que uma mesma pessoa possa ler, consumir bens culturais, criar, recriar, publicar e compartilhar novas produções. O produtor remix é leitor e autor sem separação marcada entre essas duas funções. Os elementos apresentados com certo nível de desconexão entre eles em uma produção remix são o próprio reflexo dos diferentes papéis desempenhados por seu produtor.

Um terceiro motivo é o de inversão da originalidade. O produtor remix se preocupa mais com o processo utilizado para fazer do que com o resultado pronto e acabado. A originalidade está no modo de copiar e remixar, por isso o produtor remix explicita a maneira como aquilo foi feito. A qualidade do produto depende do seu processo explicitado, mais do que de suas características finais, ou ainda, muitas das características finais do produto remix são o seu próprio processo de produção. Por fim, há questões de engajamento na cultura do remix. De acordo com Villa-Forte (2019), diante da grande quantidade de produções de bens culturais, principalmente após o advento da web 2.0, não há mais nada a se criar, restando apenas (inclusive como forma de protesto) recriar, remixar.

Essas características dos produtos da cultura do remix se manifestam de diferentes modos a depender da arte com que se trabalha. Se no meme a cópia e a colagem se apresentam pelo desfoque e desconexão dos elementos, ou ainda pela baixa qualidade e resolução, na música, a explicitação da cópia e da colagem acontece pela repetição de um som retirado de outra música. A repetição do som em meio a novos sons parece ser o modo

como o produtor do remix deseja fazer com que o ouvinte entenda que aquele som é copiado de outra música, ou seja, usa-se a insistência.

A repetição, entretanto, é uma característica importante também no meme. Uma vez viralizado, um meme passa a ser remixado, gerando novas produções que remetem a produções anteriores. Alguma característica do primeiro meme criado continua ressoando nos memes remixados a partir dele, como na música remix. Há outras características dos memes, mas a insistência em manter alguma estrutura (verbal ou imagética) “ressoando”, “ecoando” nos memes remixados parece ser o que faz de uma produção um meme.

Por exemplo, ao remixar um meme viralizado, o produtor do novo meme pode remixar o texto escrito, criando um novo texto ou suprimindo-o; ele pode remixar a imagem do background ou a imagem do primeiro plano; pode remixar novos elementos em um grid¹ de layout de quadrinhos, em top-down, de colunas etc. Isso tudo a depender dos seus objetivos, da sua motivação e do seu público. O layout do meme viralizado que o produtor remixa é um modo semiótico disponível a ele no seu ambiente de linguagem, com o qual ele pode articular seu discurso político e social para participar do debate nas redes sociais. Esse produtor precisa realizar o trabalho semiótico de ressignificar os potenciais dos recursos disponíveis no modo layout para gerar mudanças no meme viralizado, no seu público e em todo o ambiente de linguagem em que seu novo meme remixado vai circular. Os recursos semióticos de um layout são os tipos gráficos da escrita, o grid, o uso das cores, molduras e saliências.

Em relação ao modo verbal, é comum ver diferentes textos escritos nas mesmas imagens de memes. O texto escrito integrado à imagem é um processo comum em layouts, porém, nos memes, o lugar do texto escrito é instável, pois ele muda e a imagem permanece a mesma. No nosso mundo logocêntrico, é mais comum a imagem servir apenas de ilustração para o texto verbal escrito e falado. Nos memes, a imagem (repetida tantas vezes quanto ela for compartilhada) guarda a “tirada”, a piada. Já o novo texto integrado a essa imagem a ancora à nova enunciação.

¹ O grid são as formas geométricas que organizam o conteúdo de um layout. Ele orienta o designer gráfico no alinhamento e posicionamento dos elementos de um layout. O grid de um layout pode ser modular, retangular, por colunas etc.

Desse modo, partimos do pressuposto de que o estudante engajado na atividade de produção de memes da professora é um produtor remix. Propomos analisar a sua produção remix a partir da abordagem da sociosemiótica multimodal.

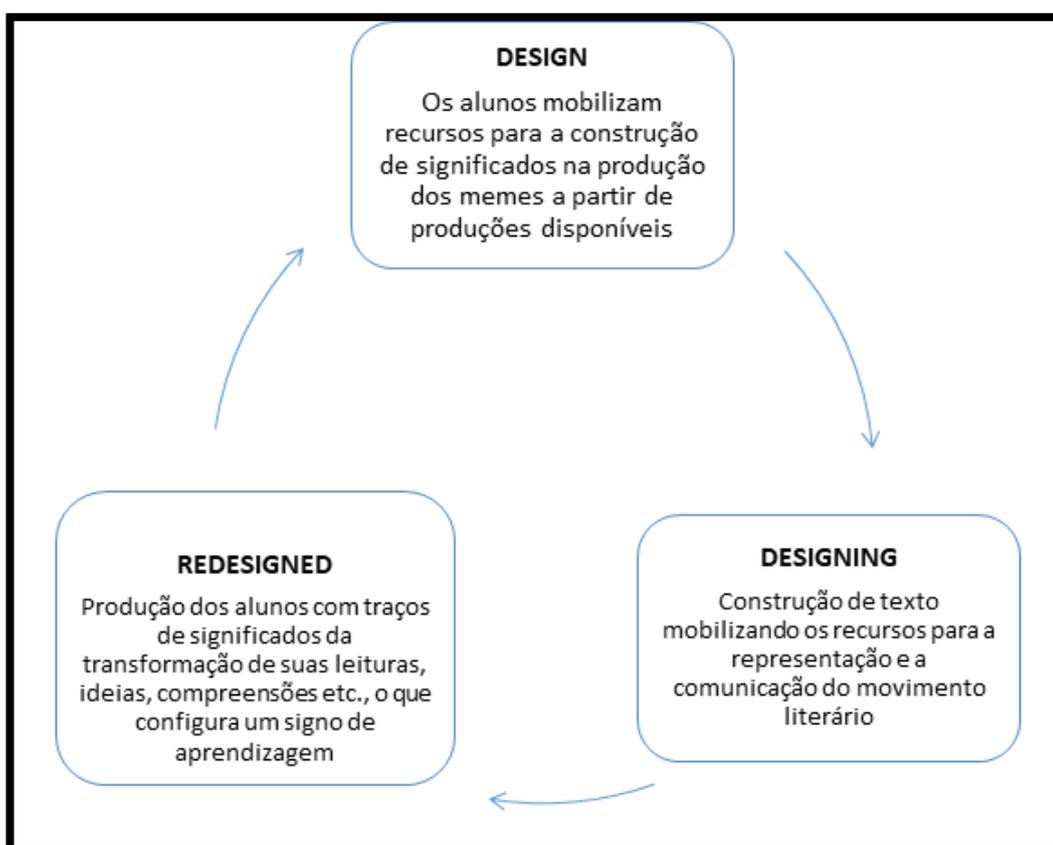
Análise sociosemiótica multimodal dos memes

O trabalho proposto com a linguagem aos estudantes do terceiro ano acolhe uma visão de designs multimodais de significados, pois os alunos se apropriam de recursos disponíveis para significar e projetar novos significados em suas produções. Logo, por que seria interessante trabalhar com a visão de alunos como designers de significados? Compreendemos, pelo prisma dos estudos da Semiótica Social Multimodal, que a visão de design não só nos fornece um padrão de significados como também indica um processo de construção. Noutras palavras, esse padrão de significados não só indica a forma e a estrutura dos significados e como eles estão conectados como também um processo em que os alunos realizam uma sequência de ações para representar e comunicar suas ideias, ou seja, que coloca em cena seu agir (sua agência). Assim, nas atividades propostas na disciplina de Literatura Brasileira, os significados criados na produção dos memes nunca serão os mesmos que foram produzidos anteriormente. Os alunos partem de designs a que já tiveram acesso e produzem, num processo dinâmico e subjetivo, um redesign de suas leituras sobre o Pré-Modernismo, a Semana da Arte Moderna ou a 1ª fase do Modernismo. Todo esse movimento de design para redesign acentua um trabalho semiótico de transformação, pois segundo Leu *et al.* (2004), ensinar a ler e escrever para os letramentos do futuro é uma experiência de transformação.

Esse processo de criação (designing) coloca em cena a capacidade de o aluno agir, uma ação informada, uma forma de intervir no processo discursivo de construção de sentidos e representações do mundo. Esse movimento indica uma nova produção que reflete a aprendizagem do aluno, o que selecionou, como organizou, a ideia que representou e como comunicou um fato. Todos esses aspectos vão configurar uma produção que se revela como um *signo de aprendizagem*. É importante ressaltar que ouvir, falar, ler e escrever são atividades de produção, formas de design. Os alunos encontram os textos como designs disponíveis e se valem de suas experiências com outros designs

disponíveis como um recurso para criar novos significados a partir dos textos que encontram. Nesse sentido, sua produção ou redesign indica a re(construção) de suas leituras, compreensões, vendo seus mundos de novas maneiras, pensando novos pensamentos e, nas palavras de Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 169), "visualizando coisas por novas perspectivas e imaginando possibilidades". A Figura 1 busca remontar esse movimento:

Figura 1: Aprendizagem pelo olhar do Design Multimodal de Significados



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Nossa escolha pela abordagem sociosemiótica multimodal se justifica pela sua perspectiva de signo motivado, além de outros fundamentos baseados no funcionalismo da linguagem. Kress (2010) sintetiza os pressupostos da semiótica social da seguinte forma:

Baseia-se em vários pressupostos fundamentais: os signos são sempre recém-criados na interação social; signos são motivados, sem relações arbitrárias entre significado e forma; a relação motivada de uma forma e um significado é baseada e surge do interesse dos produtores de signos; as formas/significantes que são usadas na produção de signos são produzidas na interação social e se tornam parte dos recursos semióticos de uma cultura. A relação de forma e significado é de aptidão, de um 'melhor ajuste', em que a forma do significante se sugere como pronta para ser a expressão do sentido - o significado - que deve ser realizado. Aptidão significa que a forma tem os recursos necessários para ser o portador do significado. (KRESS, 2010, p. 54-55.)

Logo, o pressuposto segundo o qual o signo, e conseqüentemente o texto, é sempre criado na interação social, de acordo com motivações dos seus produtores, vai ao encontro da nossa necessidade de analisar um texto remixado pelos estudantes. Isso porque, embora seja um texto que se baseia na repetição de elementos, sobretudo do grid, partimos do pressuposto de que cada remixagem e cada enunciação exigem novas produções de sentido. Nessa via, pelas lentes da semiótica social multimodal, nossas seleções se dão a partir dos recursos disponíveis e das associações que fazemos aos sentidos específicos que queremos produzir. Além disso, a relação de aptidão entre forma e significado contribui para explicar as motivações e as escolhas de design dos estudantes na atividade de produção de memes proposta pela professora.

Considerando que nossas escolhas serão sempre motivadas a partir dos modos e recursos a que temos acesso para expressar nossas ideias na comunicação, acentuamos a multimodalidade como um caráter inerente à linguagem. Em cada produção do remix, podemos ver quais seleções foram feitas e o interesse do aluno se materializar no trabalho semiótico de articulação de cada elemento, possibilitando o texto produzido ser visto como um conjunto multimodal, em que vários elementos se articulam, combinam-se. Nessa articulação, ele poderá dar ênfase a modos e recursos que tem à disposição, como cor, brilho, texto verbal, layout, tipografia, saliência (tamanho da imagem), as molduras (como os elementos estão conectados), o ângulo (que configura a forma como esse elemento se relaciona com o leitor), dentre outros aspectos. A integração multimodal

chega ao ponto de o texto verbal em layouts constituir-se de elementos do modo imagético como demonstraram Gualberto e Kress (2019a) e Paiva (2021). Isso acontece nos memes, inclusive naqueles produzidos pelos estudantes e analisados neste artigo.

Logo, a produção de sentido, mais detidamente no gênero meme, nunca se repousará numa única modalidade, mas na necessidade de um olhar ecológico para todos os elementos que constituem o texto, logo, na relevância de uma lente multimodal para a leitura. Ao remixar o meme, cremos que o estudante avalia a aptidão que ele tem para dizer o que há para ser dito. Ao considerar um meme existente como apto a estabelecer uma nova enunciação, o estudante passa a remixá-lo fazendo alterações em seus elementos a fim de produzir um novo texto, capaz de cumprir o seu novo objetivo: ironizar, ratificar, criticar, apoiar os artistas e a literatura modernista que ele está estudando.

Na visão de Kress (2010), a comunicação é um trabalho conjunto e recíproco, logo, não basta se ater apenas aos interesses e às escolhas do autor do texto, mas sim a como isso reflete no trabalho interpretativo do leitor (aluno, professor, público em geral). Assim, a comunicação se torna social e multimodal por natureza, e as concepções de design e multimodalidade devem ser vistas de forma articulada.

Aprender é um trabalho semiótico. Assim, na produção de remixes, vemos a realização desse trabalho, visto que o aluno mobiliza, por meio de sua agência, recursos e modos para a produção de sentidos num processo de transformação. Assim, propomos que os remixes dos memes dos estudantes possam ser analisados pelo processo de resignificação chamado de *tradução* pela sociossemiótica multimodal, cujo tipo de transferência de significado nomeado como transformação nos interessa na análise dos exemplos a seguir. A transformação, de acordo com Kress (2010, p. 124), é o processo de tradução entre os mesmos modos semióticos, no entanto, há alterações em seus elementos, ou seja, mudanças e arranjos dos elementos e dos recursos dentro do mesmo modo. Portanto, no remix, os estudantes mantiveram o modo semiótico layout utilizado para produzir o meme (incluindo o grid), mas alteraram os seus elementos, sobretudo textos verbais e imagens de background ou de close-up. Pretendemos, ainda, analisar as implicações na produção de sentido motivadas pelas transformações desenvolvidas pelos estudantes no seu trabalho de remixar o meme.

Análise do trabalho semiótico de transformação nos memes dos alunos

Passemos, então, à análise de alguns dos memes entregues pelos alunos. Optamos, aqui, por selecionar somente memes estáticos, devido ao formato em que este artigo circulará².

Figura 2: Meme do rapaz engomadinho



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

² Alguns dos memes aqui selecionados possuem baixa definição, porque foram produzidos pelos alunos a partir de imagens de internet e com o uso de *apps* gratuitos de edição, de forma amadora. Sabemos que a visualização das imagens fica parcialmente prejudicada devido a isso, mas optamos por manter as produções tais como nos originais, a fim de refletir fielmente o trabalho dos estudantes. Além disso, o nome atribuído aos memes (como “Meme do rapaz engomadinho”), após a numeração de cada figura, foi escolhido pelos autores deste artigo por motivação didática. Por fim, usamos o masculino genérico neste texto como forma de referenciar os jovens e as jovens estudantes que criaram os memes (portanto, expressões como “o autor”, “o estudante” e “o aluno” podem se referir a moças ou rapazes).

O famoso meme do “Com licença, senhor”, ilustrado com a foto de um jovem branco norte-americano vestindo uma roupa “engomadinha”, já circula na internet há alguns anos. Na Figura 2, no que se refere ao processo de resignificação de transformação, foram mantidos pelo estudante os elementos básicos desse meme (foto, expressão “com licença, senhor”, fonte da letra e crítica à postura burguesa), a fim de ironizar o fato de os artistas da Semana da Arte Moderna pertencerem à elite paulistana, já detentora do restrito acesso às artes na época, e de elas mesmas proporem uma revolução, o que soaria contraditório. A vestimenta impecável do jovem, com blusa social, cinto e relógio dourado, à frente de uma rua de um condomínio de luxo, retratado a partir de um ângulo aberto de forma distante, representaria o conservadorismo, a manutenção dos privilégios, o oposto do que se esperaria de um revolucionário na Literatura. No entanto, algumas transformações ocorreram para que os estudantes ajustassem o meme “Com licença, senhor” ao objetivo deles.

O redesign dos estudantes-autores partiu da aptidão do meme “Com licença, senhor” para representar as contradições inerentes à Semana de 22, conclusão a que chegaram com as aulas da professora sobre esse conteúdo. Os estudantes alteraram o texto verbal, incluindo o cabeçalho “Modernistas” e a oração: “[...] vamos revolucionar a literatura brasileira”. O ajuste de redesign promovido pelos estudantes demonstra a sua compreensão da ironia inerente ao meme “Com licença, senhor” e de como ela poderia ser transferida para o novo meme remixado, desde que fosse incluída a nova oração. Após esse ajuste, houve a remixabilidade, o trabalho semiótico de fato, isto é, a edição do meme, demonstrando a capacidade de agenciamento dos estudantes com os recursos digitais disponíveis.

A escolha foi por posicionar a figura do janota no centro do layout, com o corpo de frente e com olhar em contato, posição que demanda interlocução do leitor. Essa posição reforça a produção de sentidos irônicos, porque todo o desejo por contato e motivação para a ação da figura humana é, de fato, arrefecida ao considerarmos os sentidos prévios mobilizados pelo meme “Com licença, senhor”, de acordo com os quais o cidadão elitizado representado denota hábitos de reprodução social, que inviabilizam mudanças e transformações na sociedade. A oração “[...] vamos mudar a literatura brasileira” apresenta o tema do meme remixado pelos estudantes, com a qual produzimos sentidos

de ironia, e, por fim, essa oração realiza a integração entre os modos imagéticos e verbais do layout.

Figura 3: Meme do cachorro-quente



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Na Figura 3, a produção dos estudantes teve como base um também conhecido meme do universo juvenil, o do cantor de rap norte-americano Drake no clipe de *Hotline Bling*, para remixá-lo com duas fotos de Oswald de Andrade. No meme em que os estudantes se basearam, em seu quadrante esquerdo superior, é apresentada uma foto do rapper rejeitando algo, com expressão facial fechada; enquanto isso, no quadrante esquerdo inferior, há uma imagem de Drake endossando algo com as mãos, sorridente, estabelecendo um contato direto e próximo de leitor a partir do olhar. Os quadrantes direitos superior e inferior do meme, portanto, são completados com algo ruim e bom, respectivamente, à escolha de quem o remixa, sugerindo a ideia de que o rapper se desagrada ou se agrada com aquela indicação.

O processo de ressignificação por transformação empreendido pelos estudantes manteve o grid do layout de Drake, por quadrantes, bem como a representação do corpo do rapper, no entanto, transformaram a face, representada no meme remixado pelo modernista Oswald de Andrade. O Drake sério e o sorridente são substituídos por um Oswald sério, mais jovem, e um Oswald bonachão, mais maduro. Ao representar o cachorro-quente nos quadrantes da direita, o estudante debocha do sanduíche norte-

americano (recheado de forma pobre, com poucos ingredientes, sem graça) e faz um elogio ao cachorro-quente brasileiro (criado a partir do americano, mas melhorado com muitos recheios), ou seja: aos modernistas como Oswald interessava “deglutir” o que havia de importante na cultura estrangeira e melhorar tais referências com nossas riquezas/virtudes nacionais, fazendo uma sutil e perspicaz alusão ao conceito de antropofagia dos modernistas.

A aptidão do meme de Drake para representar o confronto entre dois pontos de vista foi percebida pela agência dos estudantes engajados na busca por comunicar o que desenvolveram nas aulas de Literatura Modernista. O olhar para os recursos disponíveis a fim de redesenhá-los (redesign) precisa ser um olhar de atenção, reforçado por motivação. O ambiente multimodal de aprendizagem de linguagem desenvolvido pela professora, ao que tudo indica, direcionou a atenção dos estudantes para serem leitores críticos, bem como os motivou a serem produtores-leitores de memes.

A partir da percepção dos estudantes de que o meme de Drake era apto a mobilizar um novo discurso, eles realizaram os ajustes. A manutenção do grid revela conservadorismo na produção de layouts de memes, uma vez que todos os memes remixados pelos estudantes mantiveram o grid. Provavelmente alterações substanciais no grid demandam conhecimentos mais avançados de design gráfico, além disso é da própria cultura do remix a produção de layouts simples. Por fim, mudanças profundas nas estruturas terminariam por descaracterizar o sentido mobilizado pelas repetições, tão importantes nos memes e no remix como um todo. De qualquer forma, o público leitor de memes, também inserido nessa cultura, não se importa com o layout dos memes da internet, pelo contrário, curte, compartilha e gera engajamento com eles nas redes sociais.

Figura 4: Meme do artista antirracista



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A Figura 4 se vale da “moda” dos memes invertidos, de 2021, aqueles que aplicam um filtro similar a um negativo de fotografia na imagem escolhida para efetuar uma brincadeira com a ideia de opostos ou antônimos. Um exemplo dessa *trend* é um famoso meme com a imagem do cantor Tim Maia em negativo, com os dizeres: “Eu quero dinheiro” (em vez dos versos “Não quero dinheiro”, de sua canção homônima mais conhecida). No caso do meme da Figura 4, o estudante parte da polêmica discutida anteriormente em sala, sobre o caráter racista das obras do pré-modernista Monteiro Lobato, para, de forma irônica (expressando o contrário do que gostaria de expressar), associá-lo ao movimento “antirascista” [sic]³, com a bandeira que o representa de fato. Uma crítica precisa e atualizada!

Nesse meme, vemos um trabalho semiótico produzido a partir da articulação do jogo luz, iluminação e brilho, trazendo um efeito de saturação, ou seja, de ausência de cor, o que configura uma alta modalidade na perspectiva da orientação de código tecnológico, denotando imagens artísticas e simbólicas. Por outro lado, uma modalidade média seria a de uma foto real, naturalística, que busca representar o mundo natural como vemos pelo olho humano. A escolha dos estudantes pela alta modalidade de imagem saturada, de acordo com Kress e van Leeuwen (2021), implica representações que se distanciam do real. O sentido pretendido no meme é a ironia ao dizer que, na verdade, o artista representado é sim racista. No meme, a representação de Lobato é simbólica, denota o contrário do que

³ “Antirracista” é a grafia de acordo com a norma-padrão, mas optamos por não alterar a forma como os alunos escreveram.

o texto verbal na bandeira antifascista diz. Logo, o aluno explora a ironia na sua produção, enfatizando a inversão tanto no plano visual (alta modalidade do brilho e iluminação) quanto no plano verbal, ao satirizar o caráter (anti)racista das obras de Monteiro Lobato.

As diferentes camadas de mixagem produzidas pelo estudante nesse meme invertido demonstram o trabalho semiótico de manutenção não apenas de elementos como imagens e texto verbal, ocorrido nos memes das Figuras 2 e 3, mas também de manutenção de recursos de saliência e modalização das imagens. A busca pelo filtro que gera o efeito negativo de filme e a colagem da bandeira antirracista com os dizeres irônicos (invertidos, como dizem os estudantes) “Artista antirracista” salientam o agenciamento do estudante autor. Soma-se a esse trabalho de remixagem dele as etapas de design, tais como perceber a aptidão do meme invertido para veicular o novo discurso antirracista, utilizando justamente um autor denunciado por racismo.

Figura 5: Meme do Abaporu



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A Figura 5 comprova que, muitas vezes, efeitos potentes de humor são produzidos nos memes a partir de recursos simples, mas inusitados aos olhos do leitor. Nesse meme, acrescentou-se à tela *Abaporu*, da pintora modernista Tarsila do Amaral, o texto verbal “Cortei o cabelo, gostaram?” em referência à minúscula cabeça tão característica dessa tela. A combinação entre uma fala tão prosaica e um quadro tão canônico da História da Arte é bastante criativa: gera uma surpresa que, inevitavelmente, leva ao riso, pois a imagem se encaixa “como uma luva” à pergunta.

A escolha pelo texto verbal “Cortei o cabelo, gostaram?”, acompanhada do quadro modernista, remete ao poema-piada, ao verso popular e ao cotidiano mais prosaico a que muitos artistas recorreram nas produções de 1ª fase do Modernismo brasileiro. A pergunta inicialmente inocente, superficialmente sem maiores relações com a literatura, sem relações intertextuais mais sofisticadas, sem críticas ou ironia, ou seja, sem todos os elementos presentes nos memes analisados até aqui, poderia gerar o seguinte questionamento: é mesmo um meme, tal-qualmente os modernistas foram questionados pelos críticos se os seus textos-piadas e em português “vulgar” eram poemas? Não seria senão um meme-piada (embora todo meme tenha algo de piada)? Este meme do estudante, despretensioso, busca pura e simplesmente a graça, tão necessária quanto a crítica e o posicionamento político.

Figura 6: Meme do Homem-Aranha



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

O meme da Figura 6 é conhecido como “Homem-Aranha apontando para Homem-Aranha”. Ele consiste em uma cena de desenho animado dos anos 1960 do super-herói. Ele tem sido usado para se referir a situações em que duas pessoas vivem algo semelhante ou que possuem características parecidas, porém falam uma da outra. O estudante lançou mão do meme do Homem-Aranha para fazer referência aos três poetas modernistas, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, todos com o sobrenome Andrade.

No processo de remixabilidade, foram transformados os elementos de representação da cabeça dos Homens-Aranhas, cada qual com a imagem da face de um dos Andrade. Na parte inferior do meme, há o título “Os Andrade - Multiverso do Modernismo”. A inclusão desses elementos verbais faz referência ao fato de três importantes poetas modernistas terem o mesmo sobrenome. Também alude ao filme *Homem-Aranha: Através do AranhaVerso*, cujo enredo apresenta o encontro de vários Homens-Aranhas que vivem cada qual em uma dimensão do multiverso/aranhaverso. Vale destacar que o meme “Homem-Aranha apontando para Homem-Aranha” é anterior ao filme de 2019, porém, o fato de ele possuir dois Homens-Aranhas apontando o dedo entre si provavelmente remete, no olhar do estudante, ao encontro inusitado de vários super-heróis no filme.

O uso da palavra “multiverso” é um capítulo à parte do meme do estudante, porque é polissêmica ao se referir também à múltipla produção de versos e poemas dos três poetas representados. O intuito de gerar graça é o mesmo do meme da Figura 5, acrescentadas as referências ao super-herói e ao sobrenome em comum dos poetas. Esses campos semânticos tão distintos são amalgamados pela palavra “multiverso”.

A aptidão do meme do Homem-Aranha para as intenções do estudante foi definida na etapa de design. Depois ele passou à etapa do redesign, à remixabilidade de fato. Nesta etapa, chama a atenção a inclusão de um terceiro Homem-Aranha-poeta, porque o meme “Homem-Aranha apontando para Homem-Aranha” possui normalmente dois Homens-Aranhas. Essa inclusão de elemento revela a perícia do estudante na edição de imagens, ainda que sejam imagens de memes, caracterizadas pela cola grosseira, sem alinhamento canônico dos elementos do layout, haja vista as faces dos poetas sobrepostas às cabeças dos super-heróis.

O universo dos quadrinhos e dos filmes de super-heróis atuais faz parte do dia a dia dos estudantes e deixa transparecer os diferentes grupos de estudantes produtores dos memes analisados: do meme engajado sociopoliticamente ao meme de super-heróis, passando por memes de humor, ainda que seja possível essas dimensões discursivas se atravessarem nos memes, pois não faltam, em alguma medida, humor, crítica e posicionamento em nenhum deles.

Figura 7: Meme do Duchamp



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

O meme da Figura 7 utiliza a famosa obra do mictório de Duchamp no seu remix. O diálogo simulado com “meus casas”, gíria dos estudantes para “meus parceiros, meus amigos”, refere-se justamente à ressignificação do aparelho de banheiro masculino promovida pelo artista plástico modernista. Se a poesia modernista de primeira hora era considerada sem sentido por muitos críticos e outros poetas, as obras de artistas conceituais como o dadaísta Duchamp tampouco gozavam de aceitação tácita da crítica nas primeiras décadas do século passado. A relação de Duchamp com a cultura do remix é possível, pois o *ready-made* defendido por ele é o precursor do “faça com o que estiver disponível” da cultura do remix.

O fato de o sentido estar na falta de sentido, como dito no texto verbal do meme, pode remeter à própria gíria que o estudante utilizou como vocativo de seu meme: “Meus casas”. É uma gíria local utilizada pelos alunos. É sem sentido porque o sentido não faz mais sentido, já defendia Duchamp 100 anos atrás, tal como a cultura do remix o defende hoje. Tudo já foi escrito, já foi dito, já foi pintado e montado, portanto, façam do prosaico uma arte. Desloquem o aparelho de urinar para o centro da arte moderna mundial, assim como os estudantes deslocaram a palavra casa do seu sentido usual, mas mantendo uma relação acolhedora, para os amigos, que a palavra casa e o seu referente possuem. Assim como o conceitual mictório de Duchamp necessita de pacto com quem o vê para ser considerado obra de arte, é preciso também compactuar com o meme dos “casas” para produzir

sentido com ele, seja duvidando dele (isso não faz sentido), seja fazendo troça e escárnio do próprio sentido das coisas (Meu casa, esse é o sentido).

A produção do estudante oferece camadas de ressignificação, em um processo de redesign da palavra casa, ao modo de Duchamp. Enfim, não fazemos mais o sentido, mas sim o ressignificamos, constantemente. E não precisa ser artista para fazê-lo.

Figura 8: Meme do Mó Paz



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

O meme da Figura 8 é conhecido como Mó paz, em referência à fala do MC Poze do Rodo, cantor carioca, que se filmou à beira da piscina dizendo, entre outras coisas: “Ah, mó paz! Como é que nós tá?” Esse vídeo viralizou, sobretudo a expressão “mó paz”, geralmente associada a situações de tranquilidade.

O processo do estudante de ressignificar o meme consistiu em transformar alguns elementos e em manter outros no meme remixado. A imagem do rosto de Manuel Bandeira em 3x4 e preto e branco foi colada sobre o rosto de MC Poze, novamente com recorte e cola explícito, sobreposto, como no meme da Figura 6.

O texto verbal diz “Semana de arte moderna pegando fogo, Manuel Bandeira em casa porque mandou o poema mas não apareceu: mo paz”. A expressão “mo paz” está em amarelo, em minúsculas, sobre o fundo azul da piscina, em contraste com o restante do texto em branco sobre o fundo negro. Destaque para a falta de pontuação no texto escrito,

cuja exceção são os dois pontos. Além disso, a expressão “mo paz” não possui acento gráfico agudo em “mó”, sugerindo a coloquialidade que a linguagem do rap, dos modernistas e do meme exige, além de os estudantes terem avaliado que o acento gráfico não seria necessário, dada a viralização da expressão, muito conhecida pelos leitores de memes da internet.

Reforça essa tese a escolha de design do estudante pela posição e saliência da expressão “mo paz” no meme da Figura 8. Ela indica como o texto verbal pode se tornar um elemento de layout com características do modo imagético. A expressão está posicionada na diagonal, separada do restante do texto verbal do meme, que, por sua vez, está no topo e organizado em sintaxe convencional. Embora seja lido, posto que é texto verbal, tornou-se uma imagem, arrastada, posicionada e girada em seu eixo, como se faz com elementos imagéticos em layouts, perdendo inclusive o seu acento gráfico de monossílabo.

A referência ao não comparecimento de Manuel Bandeira à Semana de 22 feita no meme é mais uma daquelas anedotas da Literatura não confirmadas pela História. O que se sabe é que o famoso poema *Os Sapos*, de autoria de Bandeira, foi lido no evento, supostamente por Ronald de Carvalho, já que Bandeira estaria doente. Enfim, a Literatura vive dessas narrativas, promovendo-as tanto quanto o próprio texto literário e a crítica o fazem.

Fato é que o estudante, em seu trabalho semiótico de design, redesign e remixabilidade do meme, conseguiu aliar os estudos sobre a Semana de Arte Moderna de 1922 com o meme “Mó paz”, em uma nova enunciação capaz de gerar graça com a inusitada representação do poeta na piscina, ostentando sua posição como um rapper ostentação. O estudante também demonstrou capacidade de integrar elementos de diferentes modos ao criar diferentes níveis de recursos de linguagem: além das já citadas referências intertextuais e de saliência da expressão “mo paz”, vale também destacar o trocadilho entre a expressão verbal “pegando fogo” e a imagem da piscina com sua água azul, reforçando o estado de tranquilidade do poeta.

Figura 9: Meme do Senhor Incrível Traumatizado



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)⁴.

O meme da Figura 9, conhecido como “Senhor incrível traumatizado”, geralmente produz sentidos de expectativa *versus* realidade. A face do personagem Senhor Fantástico à esquerda representa uma expectativa; por sua vez, a face da direita representa a realidade sobre o tema abordado no texto verbal no topo do layout do meme.

O estudante fez referência ao Movimento Antropofágico, idealizado pelo poeta e dramaturgo modernista Oswald de Andrade. O termo *antropofagia* foi utilizado por Oswald para designar sua proposta, amparada nos estudos culturais da primeira metade do século XX, de a arte brasileira se nutrir, sim, da arte europeia, no entanto, por meio de um processo de apropriação consciente, em que cada vez mais se abrasileirasse com elementos da cultura local. Oswald buscou, com o termo antropofagia, construir uma metáfora com a prática de alguns povos originários de comer carne humana na tentativa de incorporar as virtudes da pessoa digerida. O processo físico e real de comer carne humana dos nativos pré-colombianos, segundo Oswald, deu lugar ao processo cultural metaforizado do artista de deglutir a arte estrangeira a fim de reter, na arte produzida no Brasil, o que haveria de bom fora daqui.

Uma vez construído esse conceito de antropofagia durante as aulas de literatura modernista, o estudante optou por representá-lo em um meme na etapa de design. O seu trabalho de redesign consistiu em transformar elementos do texto verbal do meme

⁴ Mantivemos a grafia original, feita pelo aluno, em que falta um “R” na palavra “Moderna”.

“Senhor incrível traumatizado”, cujos cabeçalhos dos dois quadrantes de grid do layout passaram a constar da mesma palavra “Antropofagia”. Desse modo, o quadrante da esquerda representou a antropofagia cultural oswaldiana (vista como um conceito positivo, arrojado), ao passo que o quadrante da direita representou a antropofagia como prática de canibalismo (visto como algo não desejável em nossa cultura).

O recurso do meme “Senhor incrível traumatizado” de modalizar a imagem com o preto e branco, cujo preto é mais saturado, torna capaz de produzir o sentido de algo tenebroso, como é a prática de canibalismo, em decorrência do simbolismo criado pela saturação das cores em imagens. Esse recurso entrou no cálculo de aptidão do meme para significar o que o estudante pretendia representar: o conceito de antropofagia oswaldiano.

O olhar pedagógico para o trabalho semiótico dos alunos

Procedimentos de produção de memes tais como copiar, colar, cortar, arrastar, filtrar, sobrepor, entre outros, podem parecer, para a comunidade escolar, recursos que não estão relacionados com a produção de texto, entendida como única e exclusivamente verbal na tradição escolar. No entanto, a tarefa de aproximar a escola dos modos de leitura e produção atuais, incluindo os da cultura da internet e do remix, passa por aceitar, valorizar e ensinar esses procedimentos de produção de textos digitais.

A comunidade escolar, principalmente os professores, precisam considerar que as ressignificações dos estudantes produtores dos memes analisados neste artigo incorporam práticas letradas pós-tipográficas, não lineares e tecnologizadas bem como a ampliação da noção de texto, visto que exemplificam novas maneiras de produzir, distribuir, trocar e receber textos em espaços digitais, altamente marcados por elementos multimodais. Portanto, uma nova estética de texto é configurada por meio de um conjunto/uma política de escolhas feitas que fogem do olhar canônico de como o conhecimento pode ser produzido, num processo contínuo de designing e redesigning. Tais premissas trazem grandes desafios à esteira pedagógica, impulsionando uma ruptura com práticas de “transmissão de conhecimento” já tradicionalmente conhecidas no cotidiano escolar, requerendo de nós um novo olhar para os processos de produção, interpretação e circulação de textos.

No caso da prática pedagógica descrita neste artigo, a professora pôde perceber não somente um excelente engajamento dos alunos à atividade, por a acharem divertida, dinâmica e próxima de seu universo linguageiro, mas também, após a leitura e a devolutiva de todos os memes, atestou que o desempenho dos alunos foi bastante satisfatório. Nessa ocasião, a docente selecionou algumas produções de cada turma, de forma anônima, e as projetou em sala de aula, partilhando os resultados da atividade e analisando com os alunos os procedimentos miméticos desenvolvidos por eles. Coletivamente, houve uma breve discussão sobre os textos, momento em que os alunos debateram o que funcionou *muito* bem e o que não funcionou *tão* bem a partir da grade de correção da atividade. Parece ter ficado claro para os estudantes que as noções de certo e errado não se aplicavam a essa proposta, mas que era importante seguir os pressupostos básicos combinados pela professora e apresentar um bom trabalho multimodal com os textos entregues.

Assim, a perspectiva sociosemiótica multimodal considera todos os modos operando nos textos e entende o design como o trabalho semiótico realizado por todos os sujeitos engajados nas interações de aprendizagem, suscitando algumas mudanças de paradigmas na seara didática, tais como a ideia de que as maneiras de aprender coisas novas e de compartilhar informações diferem muito de gerações anteriores e a de que o que se aprende fora da escola afeta a aprendizagem escolar (KRESS; SEALANDER, 2011).

Precisamos compreender que as representações de conhecimentos se manifestam de acordo com o interesse e a seleção dos alunos e se materializa em diversas formas - signos de aprendizagem - que fogem da convencionalidade. Em diálogo com os estudos sociosemióticos multimodais, Paiva e Santos (2022) reforçam que a aprendizagem está ligada ao interesse e ao engajamento/envolvimento do aluno, num processo ativo. Logo, as suas produções/remixes indicam um novo signo que revela sua aprendizagem, o conhecimento que adquiriu por meio de um trabalho semiótico consciente.

Ao assumir essas proposições, precisamos ter *generosidade de reconhecimento*, expandindo o escopo do que entendemos como processo educativo e, principalmente, de produção de sentido, demandando maior atenção, abertura e generosidade nas visões que temos e do que devemos valorizar e reconhecer. Os signos de aprendizagem produzidos - trabalho semiótico - precisam ser valorizados em todas as suas formas. Nesse sentido, os processos de produção, leitura e compreensão ganham um novo olhar, mais ativo, que,

sob as lentes da multimodalidade, requerem atenção não apenas aos aspectos composicionais, mas também às diferentes possibilidades e meios de expressar visões, atitudes e à interação constante entre texto-autor-leitor. Nessa perspectiva, Gualberto e Kress (2019b) sinalizam que os textos mudam, logo nossas concepções em torno dos letramentos, currículos e práticas de ensino devem acompanhar essas apropriações.

“O passado é lição para se meditar, não para se reproduzir” (Mário de Andrade)

Concluimos este artigo com esse aforismo de Mário de Andrade porque ele se casa tão bem com os objetivos contemporâneos da educação brasileira de se libertar de práticas de ensino e avaliação arraigadas a processos conservadores e excludentes. A rigor, reconhecemos que o caminho trilhado para a construção das atividades pedagógicas pode indicar alternativas para que outros professores reflitam e criem ambientes em que os alunos possam produzir, participar, colaborar e refletir, promovendo um processo de aprendizagem cada vez mais horizontalizado. Contudo, não há uma receita, as reflexões aqui desenvolvidas são caminhos que podem funcionar como *insights* para que nossos colegas de profissão criem as práticas pedagógicas que acharem adequadas e significativas ao seu contexto e que possam evidenciar a agência dos alunos na capacidade de realizar trabalhos semióticos que explorem todo o potencial de modos e recursos da linguagem para produzir signos de aprendizagem.

No decorrer deste trabalho, nosso propósito principal consistiu em socializar experiências que potencializaram interações, a partir das lentes da Semiótica Social Multimodal, e criaram possibilidades de agências para produção de signos de aprendizagem. Nas palavras de Kress (2010), o motor para as mudanças reside no social, logo, essas mudanças apontam para a necessidade de (re)pensarmos as formas interativas que se deflagram em vários ambientes potencializando a agência dos seus usuários, para além do domínio tecnológico, mas reconhecer semioticamente as possibilidades de agir e produzir sentidos como também a resignificação do papel do professor no contexto de mudanças.

Reforçamos a importância das lentes da Semiótica Social Multimodal para se pensar o ensino, já que propõe pelo olhar “uma estrutura em que todos os meios de produção de

sentido se tornam visíveis e reconhecíveis – uma estrutura que dá reconhecimento à agência e à identidade, a formas de conhecer e aprender de todos os tipos, em todos os lugares” (BEZEMER; KRESS, 2016, p. 5, tradução nossa). As reflexões aqui tecidas tratam de um conjunto de possibilidades, excluindo qualquer ideia calcada num modelo binário de certo e errado, completo e incompleto, para se pensar a complexidade de fenômenos ligados ao uso da linguagem no contexto de ensino, mais especificamente, no Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GUALBERTO, C.; KRESS, G. Contemporary landscapes of visual and digital communication: the interplay of social, semiotic, and technological change. In: **The sage handbook of visual research methods** (pp. 574-590). SAGE Publications, Inc., 2019a.

GUALBERTO, C.; KRESS, G. Social Semiotics. In: HOBBS, R.; MIHAILIDIS, P. (Ed.). **International Encyclopedia of Media Literacy**. New York: Wiley-Blackwell, 2019b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/325764226_Social_Semiotics. Acesso em: 10 mar. 23.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020.

KRESS, G.; LEEUWEN, V. **Reading Images: the Grammar of Visual Design**. Routledge, 2021.

KRESS, G.; SELANDER, S. Multimodal design, learning in cultures of the recognition. **Internet and Higher Education**, v. 15, 2011, p. 265-268.

KRESS, G. **Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication**. London: Routledge, 2010.

LEU, D. J. et al. Toward a theory of new literacies emerging from the Internet and other information and communication technologies. In: RUDDEL, R. B.; UNRAU, N. (Ed.). **Theoretical model and process of reading**. Newark: International Reading Association, 2004, p. 1570-1613.

LIMA-NETO, Vicente de. Meme é gênero? Questionamentos sobre o estatuto genérico do meme. **Trabalhos em linguística aplicada**. Campinas, n. 59.3, p. 2246-2277, 2020.

PAIVA, Francis Arthuso. Práticas de letramento e produção de sentido de layouts na multimodalidade. In: **Texto Digital**. Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 98-127, jan./jun. 2021.

PAIVA, Francis; SANTOS, Záira. A multimodalidade dos ambientes escolares e os seus signos de aprendizagem: designs transformadores de estudantes e professores In. PAIVA, Francis Arthuso (org.). **Professores transformadores de ambientes multimodais de aprendizagem**: projetos de ensino de linguagens. São Carlos: Pedro&João, 2022.

VILLA-FORTE, L. **Escrever sem escrever**: literatura e apropriação no século XXI. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2019.

Recebido em: 28/03/2023

Parecer em: 07/08/2023

Aprovado em: 18/09/2023